

A GUERRA NA UCRÂNIA E O RACISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE FRANTZ FANON

WAR ON UKRAINE AND RACISM IN THE CONTEMPORARY WORLD: AN ANALYSIS BASED ON FRANTZ FANON

*Gabriel Vilarinho*¹

Resumo:

No mundo contemporâneo, sobretudo nos últimos decênios, presenciamos o fortalecimento do discurso securitário, com ênfase na questão biológica. Guerras, encarceramentos e delimitação de fronteiras são postos em ação em nome da defesa da sociedade e de interesses econômicos contra ameaças que desequilibram a vida cotidiana, desde o campo microscópico até os princípios “civilizatórios”. Este artigo tem por objetivo realizar uma análise da guerra na Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, evidenciando as diferentes maneiras como a sociedade Ocidental lida com a guerra em seu território e em territórios não-ocidentais, a partir, sobretudo, do conceito de *sociogênese* proposto pelo filósofo Frantz Fanon. Busca-se investigar de que modos o racismo estrutura a sociedade ocidental e como estabelece uma distinção entre quem é “civilizado” e quem é “selvagem”, entre os lugares onde a guerra é autorizada e onde ela é motivo de horror. Oriundo do colonialismo, abordaremos como o racismo é perpetrado e alimentado na sociedade contemporânea, permitindo com que determinadas populações sejam desumanizadas em relação ao modelo hegemônico Ocidental. Para isso, enquanto tentativa de diagnóstico do presente, o artigo utiliza-se de reportagens e relatos durante o decorrer da guerra e do livro *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon, como referências principais.

Palavras-chave: Frantz Fanon; racismo; guerra; sociogênese.

Abstract:

In the contemporary world, especially in the recent decades, we witness the strengthening of the security discourse, emphasizing the biological issue. Wars, incarcerations and boundary delimitations are put into action in the name of society’s defense and economic interests against threats that unbalance our daily lives, from the microscopic field until the “civilizing” principles. This article aims to analyze the war in Ukraine, which began in February 2022, highlighting the different ways in which Western society handles wars in its territory and in non-Western territories, based, above all, on the concept of sociogenesis proposed by philosopher Frantz Fanon. The present article seeks to investigate how racism structures Western society and how it establishes a distinction between who is “civilized” and who is “savage”, between the places where war is normalized and where it is a subject of horror. Moreover, the article investigates how racism, arising from colonialism, is perpetrated in the contemporary world, allowing certain populations to be dehumanized in comparison to Western hegemonic model. For this, as an attempt to diagnose the present, the article utilizes news reports during the course of the war and the book *Black Skin, White Masks*, by Frantz Fanon, as its main references.

Keywords: Frantz Fanon; racism, war; sociogenesis.



¹ É licenciado, mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro da Red Iberoamericana de Filosofía Política. Autor do livro *Governar a vida, exercer a morte: biopolítica e necroliberalismo na pandemia de coronavírus* pela editora Ape’Ku. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2358-8604>

O racismo e as guerras

No dia 24 de fevereiro de 2022, a Ucrânia foi invadida pela Rússia com diversos ataques devastadores pela terra, água e mar. Ao longo das regiões norte, leste e sul ucranianas, a Rússia bombardeou centros urbanos, alvos militares e enfrentou resistência do exército ucraniano, deixando centenas de mortos e milhares de feridos (UKRAINE, 2022, s.p). Regiões devastadas, sirenes de ataques aéreos, cidades ocupadas por militares e sobreviventes migrando para países europeus vizinhos tornaram-se a realidade no solo ucraniano disputado pela Rússia.

Em meio à tensão político-econômica da Rússia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e da União Europeia, o presidente russo Vladimir Putin afirmou que quem tentasse intervir na Ucrânia “sofreria consequências jamais antes vistas na história”(PUTIN, 2022, s.p) e colocou as forças nucleares russas em alerta máximo, acendendo o medo europeu de uma 3ª Guerra Mundial a nível nuclear. Na escalada de uma guerra nuclear, sob as prerrogativas da defesa ou da conquista de um território e sua população, presenciamos a possibilidade do exercício de um poder atômico, como nos lembra o filósofo francês Michel Foucault (2010, p. 213), capaz de aniquilar toda a vida humana ao, paradoxalmente, tentar assegurá-la.

Por essas razões, a guerra na Ucrânia, em conjunto com a sua violência, os abusos, a insegurança e o medo, foi amplamente divulgada pelas mídias internacionais, tornando-se o principal foco de discussão e interesse mundial. No entanto, como destaca, por exemplo, a reportagem do jornalista Paulo Motoryn (2022, s.p) à rede de notícias Brasil de Fato, guerras anteriores à da Ucrânia e que aconteciam no mesmo período não dispuseram da mesma atenção e preocupação mundial. Na Síria, em guerra há mais de 10 anos, no mesmo dia da invasão Russa à Ucrânia, bombardeios promovidos por ataques aéreos de Israel vitimaram seis pessoas. Na Somália, os Estados Unidos lançaram um ataque de drones contra militantes do Al Shabab, desconhecendo-se o número de vítimas. No Iêmen, palco da maior crise humanitária do mundo, com 80% da população em situação de fragilidade e mais de 24 milhões de pessoas necessitando suporte humanitário, a Arábia Saudita bombardeou a província de Hajjah, deixando dezenas de mortos e feridos. E igualmente no Brasil, como destaca a matéria da jornalista Beatriz Drague Ramos (2022, s.p) à rede de notícias Ponte Jornalismo, no complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, um dia antes da invasão Russa na Ucrânia, blindados ocuparam ruas, tiros de fuzis e bombas foram ouvidos, postos de saúde e escolas fecharam, policiais invadiram casas e moradores foram baleados.

Nenhum desses acontecimentos foi relatado pela mídia nacional e internacional na mesma proporção do que a guerra na Ucrânia, ainda que ocorressem nos mesmos dias da guerra no continente europeu. No imaginário do Ocidente, por se tratarem de regiões não-ocidentais e de corpos cuja forma não era a do branco ocidental, a presença de conflitos e/ou guerras nesses lugares é aceitável, sendo o espanto e o horror direcionados somente ao Ocidente. O fato da maioria desses conflitos em países não-ocidentais ocorrerem há décadas e não serem noticiados na mesma intensidade com que a guerra na Ucrânia demonstra como a violência, a morte e a destruição podem ser normalizadas em lugares que não dizem respeito ao Ocidente e sobre os corpos daqueles que não representam a

figura ocidental.

Por esse aspecto, é evidente o racismo que estabelece um corte social entre quem “deve viver” e quem “deve morrer” (FOUCAULT, 2010, p. 214), entre as vidas pelas quais se chora o horror da guerra e as vidas pelas quais se associa e se normaliza o “desperdício e o dispêndio sem reservas” (MBEMBE, 2018b, p. 73). Na própria guerra no território ucraniano, entre os mais de um milhão de refugiados contabilizados pelas Nações Unidas (2022) que tentaram fugir da violência e destruição, o racismo também opera seu corte social. A partir do artigo da jornalista Flávia Mantovani (2022, s.p) à Folha de São Paulo, noticiou-se que refugiados negros foram impedidos pelas forças policiais e de segurança ucranianas a embarcarem em trens e ônibus que partiam da capital ucraniana, Kiev, para a cidade de Przemyśl, na Polônia, enquanto homens, mulheres e crianças brancas, por sua vez, tomavam a frente e embarcavam para longe da guerra. Inúmeras famílias, mulheres com crianças de colo e estudantes negros foram deixados para o lado de fora dos trens e, até mesmo, obrigados a desembarcar dos ônibus que cruzariam a fronteira da Ucrânia com a Polônia, sendo deixados desamparados em meio à guerra e ao frio. Impedidos de embarcar, noticiou-se igualmente que estudantes jamaicanos foram forçados a caminhar 20 quilômetros, em meio ao campo de guerra e bombardeios, até a fronteira com a Polônia.

Ainda conforme a reportagem, a chegada de refugiados à fronteira também foi marcada pelo racismo. Relatos de violência contra refugiados negros e indianos foram denunciados na Polônia, incluindo ameaças da polícia e do exército polonês em atirar nos refugiados negros para impedi-los de atravessarem a fronteira. Estudantes nigerianos declararam que as forças armadas polonesas estabeleciam uma “hierarquia racial” (MANTOVANI, 2022, s.p) à medida que os refugiados chegavam, recusando-se a deixarem africanos atravessarem e permitindo apenas ucranianos.

Já em território polonês, pós-fronteira, conforme reportagem do jornal internacional The Guardian (AKINWOTU; TONDO, 2022, s.p), grupos de extrema-direita disseminaram falsas acusações de que imigrantes negros cometiam crimes violentos após chegarem ao território polonês. Também segundo a mesma matéria, outro relato ocorreu quando, após cruzarem a fronteira, grupos de pessoas africanas, asiáticas e do oriente médio, principalmente estudantes, sofreram ameaças e foram agredidos por um grupo de nacionalistas poloneses, os quais gritaram para que deixassem a Polônia.

O que vemos a partir desses acontecimentos e dessas reportagens é a desumanização de pessoas não-brancas e não-ocidentais pelo racismo presente e disseminado nos diversos campos sociais: através do governo, das instituições e entre os cidadãos. Pelo racismo, esses grupos populacionais são tratados como algo descartável ou como presença ausente, isto é, como um ente coisificado a quem foi negada a existência e a humanidade. Dentro do funcionamento da sociedade racializada e Ocidental, rejeita-se a subjetividade e humanidades dessas pessoas, impondo-se a elas a figura do perigo, do “ruim”, que deve ser afastado e eliminado a qualquer custo.

Através do racismo, peça do funcionamento político-econômico do Ocidente, populações não-brancas são *epidemicamente inferiorizadas* (FANON, 2008, p. 28) e construídas como *inimigos ficcionais* (MBEMBE, 2018, p.17) contra os quais se instauram guerras permanentes e que não comovem o mundo da mesma maneira que em solo Ocidental. Suas vidas são objetos fadados ao perigo e um excedente a

ser desperdiçado sem preocupações, uma vez que suas existências experienciam uma morte em vida desprovida de qualquer simbolismo. Quando a morte não se dá de maneira direta e bélica, ela ocorre nos campos epistêmicos e subjetivos, uma vez que, como nos diz o filósofo martinicano Frantz Fanon (2008, p. 28) “para o negro, há apenas um destino. E ele é branco”.

A sociogênese de Frantz Fanon e o mundo contemporâneo

Como, portanto, pensar a construção do racismo pelo Ocidente e seus efeitos no mundo contemporâneo, sobretudo em relação à guerra na Ucrânia? Uma possível ferramenta para essa questão reside na investigação do conceito de *sociogênese* proposto pelo filósofo martinicano Frantz Fanon em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*. Através desse conceito, o autor busca realizar um *sociodiagnóstico* e nos evidenciar de que maneira “a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana. É pelo homem que a Sociedade chega ao ser” (FANON, 2008, P. 28).

Isto é, a nossa subjetividade, aquilo que nós somos, está diretamente relacionada às realidades econômicas e sociais de nossa sociedade em contraposição ao determinismo biológico. O discurso biologizante da raça que estabelece a superioridade de uns e a inferiorização de outros está intimamente relacionado ao processo de colonização e ao processo econômico capitalista ocidental - o qual, por sua vez, também mantém a colonialidade no mundo contemporâneo a partir de sua lógica de exploração e predação.

Para Fanon (2008, p. 90), a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia, de modo que é o racista quem cria o inferiorizado. Sua raiz não é psicológico-afetiva, mas baseada em uma série de crenças de valores sociais e econômicos do Ocidente perpassados pelo racismo: a noção de progresso, de humanidade, de civilização. Durante o período colonial, o Ocidente não considerou que os povos diferentes dos europeus eram *outros* povos, mas povos *não-europeus*, uma vez que não correspondiam aos princípios civilizatórios e humanos do mundo Ocidental. Se os povos que viviam nos territórios colonizados pelo Ocidente possuíam alguma referência ao Ocidente, ou ao continente europeu, era somente através da forma de sua antítese: o não-europeu, o selvagem, a besta, o pré-lógico. Nas profundezas do inconsciente europeu, como destaca Fanon:

[...] elaborou-se um emblema excessivamente negro, onde estão adormecidas as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E como todo homem se eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este não-civilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia entrou em contacto com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal. (FANON, 2008, p. 161).

O Ocidente impôs seus sistemas de crenças e valores aos povos e territórios diferentes dos europeus através de sua exploração e predação normalizada enquanto “guerra sem fim” (MBEMBE, 2018a, p. 31).

Conforme nos diz o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018a), leitor de Fanon, na mentalidade ocidental, uma guerra só é legítima sob o *jus publicum* (direito público) se ela for conduzida entre Estados “civilizados”. Como os territórios das colônias e suas populações não se organizavam de forma estatal, isto é, euquanto “modelo da unidade política, um princípio de organização racional,

a personificação da ideia universal e um símbolo de moralidade” (MBEMBE, 2018a, p. 34), não representavam nem um mundo humano nem um mundo racional e, com isso, poderiam ser colonizados, explorados e assassinados.

A ausência de um modelo europeu, branco e jurídico nas colônias tornava impossível “firmar a paz” e, assim, toda violência era autorizada e naturalizada a serviço da “civilização” europeia. O poder soberano de matar, completa Mbembe, não estava sujeito a qualquer regra nas colônias, pois a guerra colonial não estava sujeita a nenhuma norma legal ou institucional. Nesse sentido, a exploração e predação provenientes do poder soberano de matar europeu eram bem vistas em nome do progresso e da civilização, uma vez que não havia nenhum vínculo humano entre conquistador e nativo:

O fato de que as colônias podem ser governadas na ausência absoluta da lei provém da negação racial de qualquer vínculo comum entre o conquistador e o nativo. Aos olhos do conquistador, “vida selvagem” é apenas uma forma de “vida animal”, uma experiência assustadora, algo radicalmente outro (alienígena), além da imaginação ou da compreensão. [...] Os selvagens são, por assim dizer, seres humanos “naturais”, que carecem do caráter específico humano, da realidade especificamente humana, de tal forma que “quando os europeus os massacravam, de certa forma não tinham consciência de cometerem um crime”. (MBEMBE, 2018a, p. 35).

Sobre os colonizados, o Ocidente estabeleceu o valor do “ruim”, do “selvagem”, do “animal” a ser escravizado, catequizado ou massacrado, relegando-os a uma “zona de não-ser” (FANON, 2008, p. 26). A branquitude condicionou o negro e o colonizado enquanto objeto, inferiorizando-o por não ser branco e por não representar os modelos ligados a ele; e, também, por sua vez, condicionou o negro enquanto inferiorizado para a branquitude se afirmar enquanto “o bem”. No capítulo *O preto e a psicopatologia*, presente em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon nos mostra como, no século XX, a prática colonial e o racismo perduram no mundo contemporâneo ocidental já desde a infância:

As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas – e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias – os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados”, tão facilmente quanto o menino branco. (FANON, 2008, p. 130-131).

O racismo e a colonialidade operam uma violência sub-limiar em um sistema de crenças que faz com que o negro introjete em si mesmo os mecanismos de repressão, não querendo se identificar como negro e almejando ser branco. Os valores e relações coloniais e racistas são reatualizados na sociedade contemporânea sob diferentes campos, desde a infância, no mundo Ocidental. Nesse sentido, o passado colonial e o presente não estão distantes. “Branquear ou desaparecer” (FANON, 2008, p. 95) torna-se o dilema do negro e do colonizado, pois é a sociedade racista quem cria o inferiorizado instituindo a ele um complexo de inferioridade, e aos brancos, um complexo de autoridade:

Se ele é malgaxe, é porque o branco chegou e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade. Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então, tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. (FANON, 2008, p. 94).

Coloniza-se o ser e a subjetividade do negro, de maneira que a inferioridade é epidermizada nele: quanto mais condicionar sua linguagem, seu comportamento, seus desejos, seu modo de falar para assimilar o mundo branco, mais irá rejeitar “sua negridão” (FANON, 2008, p. 34). Para Fanon (2008, p. 95), esta situação na qual o indivíduo tenta este *embraquecimento alucinatório*, imerso pelo desejo de ser branco, só é possível em virtude de vivermos em uma sociedade responsável por criar e alimentar um complexo de inferioridade e afirmação da superioridade de uma raça.

Se a França, como por exemplo nos diz Fanon (2008, p. 90), é um país racista, é porque “o mito do negro-ruim faz parte do inconsciente da coletividade”:

Na Europa, o Mal é representado pelo negro. [...] O carrasco é o homem negro. Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados em vão a falar do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. [...] Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (FANON, 2008, p. 160).

No inconsciente ocidental, o negro é sinônimo de tudo o que se opõe aos “bons” princípios civilizatórios, às “boas” condutas, às “luzes” da razão, à paz perpétua, às virtudes, à “superioridade” do Ocidente por ser o único “que inventou a ciência e que sabe pensar” (CÉSAIRE, 2020, p. 67). Nesse sentido, o racismo é, ao mesmo tempo, um processo e um produto da estrutura da sociedade Ocidental, ao passo que faz do negro um perigo, principalmente biológico, que ameaça a existência e os valores de uma “raça superior” e que inundará o Ocidente “com pequenos mestiços” (FANON, 2008, p. 138).

Tal como define Achille Mbembe (2018b, p. 74-75) em seu livro *Crítica da razão negra*, o racismo, concebido para justificar a colonização do “Novo Mundo” e legitimar a desumanização, inferiorização e escravidão das populações não-brancas e não-Ocidentais, é perpetrado e reatualizado pela prática governamental enquanto *dispositivo de segurança* e *tecnologia de governo* que sustenta a modernidade. De acordo com o filósofo camaronês, a raça, desde o

sistema colonial da *plantation* até os dias de hoje, sempre foi uma maneira de dividir e controlar as multiplicidades populacionais e seus limites de circulação dentro de um “cálculo geral do risco” a que cada indivíduo estaria marcado a partir de sua identidade biológica e circulação. Para Mbembe (2018b), este processo de racialização tem por objetivo marcar grupos populacionais como “espécies”, “séries” e “casos” a fim de que se identifique e neutralize antecipadamente possíveis ameaças inerentes à circulação desses grupos e que se garanta a segurança geral.

Durante a 2ª Guerra Mundial, por exemplo, quando o nazismo quis dominar o território europeu a partir do discurso biológico da raça ariana, a Europa experimentou sobre si mesma esse processo de racialização que antes aplicava aos territórios e aos povos colonizados pelo Ocidente desde o século XVIII. O poeta Aimé Césaire, influência tanto para Fanon quanto para Mbembe, em seu livro *Discurso sobre o Colonialismo*, nos evidencia como o racismo e a colonialidade atravessam a construção da sociedade Ocidental moderna e são responsáveis da civilização europeia e de seus representantes:

E então, um belo dia, a burguesia é despertada por um tremendo choque, como de um bumerangue: as gestapos estão atarefadas, as prisões estão cheias, os torturadores inventam, refinam, discutem em meio aos seus instrumentos de trabalho. Surpresa e indignação. E as pessoas dizem: “Que estranho! Mas, ah! É o nazismo, vai passar! E esperam e esperam; e se mantém caladas diante da verdade: que é uma barbárie, mas a barbárie suprema, aquilo que coroa, aquilo que resume o caráter cotidiano das barbáries; que é nazismo, sim, mas que antes de serem suas vítimas, foram cúmplices; que esse nazismo, toleraram antes de sofrê-lo; absolveram-no, fecharam seus olhos e o legitimaram, porque, até então, havia sido aplicado apenas a povos não europeus; cultivaram esse nazismo, ele é sua responsabilidade; e ele gotejava, escorria, penetrava antes de engolir em suas águas avermelhadas, por todas as fendas, a civilização ocidental e cristã. (CÉSAIRE, 2020, p.17-18).

Se o nazismo conseguiu se desenvolver e proliferar no Ocidente não é porque era algo novo, mas sim porque foi fruto da prática colonial de exploração e predação nas colônias. Para Césaire (2020, p. 18), o que o branco burguês ocidental não perdoa no hitlerismo não é o crime contra o homem ou a sua humilhação a partir do genocídio, dos campos de concentração e de extermínio, mas o crime contra o homem branco, de “haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros da África” (CÉSAIRE, 2020, p. 18). Para o Ocidente, há a prosperidade, o progresso, a felicidade e o princípio civilizador, já para as “periferias” do Ocidente, há a exploração, a destruição, a escravidão e o extermínio.

É possível observar a mesma mentalidade racista, como parte da estrutura da sociedade Ocidental, durante a cobertura de diversas mídias internacionais e ocidentais da guerra na Ucrânia. Um dos correspondentes de uma rede norte-americana de televisão, espantado com a guerra no continente europeu, declarou: “Este não é um lugar, com todo o respeito, como o Iraque ou o Afeganistão, que tem visto conflitos violentos há décadas. Esta é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia, cidade onde você não esperaria isso” (MÍDIA, 2022, s.p).

Já um ex-procurador-geral da Ucrânia afirmou: “É muito emocionante para mim, porque vejo europeus com cabelos loiros e olhos azuis sendo mortos todos os

dias com mísseis de Putin, seus helicópteros e seus foguetes” (MÍDIA, 2022, s.p). Outro jornalista inglês, de uma rede de televisão do oriente médio caracterizou os ucranianos como pessoas prósperas as quais:

[...] não são obviamente refugiados tentando fugir de áreas do Oriente Médio que ainda estão em grande estado de guerra; essas não são pessoas tentando fugir de áreas do norte da África, elas se parecem com qualquer família europeia com a qual você moraria ao lado. (MÍDIA, 2022, s.p).

E por último, do que se tem registro, um jornalista inglês em um artigo britânico escreveu que a guerra, atualmente, não ocorre mais em direção à “populações empobrecidas e remotas”, os ucranianos “parecem tanto com a gente. Isso é o que faz ser tão chocante. A Ucrânia é um país europeu. Sua população assiste Netflix e tem contas no Instagram”(MÍDIA, 2022, s.p).

As declarações racistas por parte da mídia ocidental evidenciam de que modo o racismo faz parte do cotidiano, da educação e das engrenagens da sociedade europeia e Ocidental. O horror da guerra só pode ser sentido se ocorrer em direção aos povos civilizados, uma vez que, conforme essa mentalidade, a violência, a morte e o arrasamento de terras constituem a normalidade e o *modus operandi* das regiões e povos diferentes da Europa e do Ocidente – algo incompatível com as sociedades e a maneira de ser do Ocidente.

A maneira como o Ocidente lida com a questão imigratória na guerra na Ucrânia em comparação a outros lugares não-ocidentais também nos evidencia o racismo como estrutura da sociedade ocidental.

Em virtude da guerra na Ucrânia, a Europa prometeu aos mais de um milhão de refugiados ucranianos o direito de viverem, trabalharem e terem acesso à saúde na União Europeia por três anos a partir de um plano emergencial (RANKIN, 2022, s.p). No entanto, no lado, não-Ocidental, a situação vivida por imigrantes não-europeus que tentam chegar à Europa ou aos Estados-Unidos refugiados de guerras causadas, na maioria dos casos, pelos próprios países do continente europeu e pelos Estados-Unidos, é muito distinta das garantias oferecidas aos refugiados ucranianos. O que vemos, por anos, são barcos oriundos do norte da África e do Oriente Médio com centenas de imigrantes deixados à deriva por países europeus no Mar Mediterrâneo, levando inúmeras pessoas ao afogamento, a partir de sanções políticas, cercamento de fronteiras e intensificação de políticas mais rígidas de imigração, ou melhor, anti-imigração (MONTESANTI, 2018, s.p).

Pelo lado do continente americano, nos Estados Unidos, há o estabelecimento de campos de concentração, chamados de campos de detenção de imigrantes, que abrigam milhares de latino-americanos que buscam atravessar, pela terra ou pelo mar, a fronteira do México com o sul do território estadunidense. A partir da reportagem de Hillary Andersson à BBC News (2022, s.p) podemos perceber, por exemplo, como nesses campos, os milhares de imigrantes, maioria crianças, são colocados em salas extremamente frias, apelidadas de “caixas de gelo” pelos imigrantes, e em lugares muito precários e insalubres, onde proliferam doenças como sarna e piolho. Lá, não veem a luz do dia, o ar fresco e não possuem recreação do lado de fora. Confinados, crianças também já relataram não serem alimentadas devidamente, sofrerem abusos sexuais e cogitar o suicídio.

Dessa forma, enquanto para os imigrantes europeus logo há uma solução emergencial de acolhimento na União Europeia, por outro lado, para os imigrantes refugiados de países não-ocidentais destinam-se os muros, os embarqueamentos

políticos, os campos de concentração, a miséria e os abusos. Na estrutura racista ocidental, os direitos humanos, assim, se aplicam somente aos “humanos direitos”, ao cidadão de bem branco, e possuem uma “concepção estreita e fragmentada, parcial e tendenciosa e, considerando tudo, sordidamente racista” (CÉSAIRE, 2020, p. 18).

Considerações Finais

A partir do conceito de sociogênese proposto por Frantz Fanon é possível visualizarmos como as diferentes maneiras de agir do Ocidente na guerra na Ucrânia em comparação às demais guerras em territórios não-ocidentais ocorre pela prática do racismo que estrutura a sociedade Ocidental. O espanto pela guerra em território europeu, a comoção pelos sobreviventes, o plano de assistência emergencial aos refugiados pela União Europeia, a intensa cobertura midiática destacando os horrores da guerra são destinados somente à sociedade branca ocidental.

Essa sociedade opera desenvolvendo um complexo de inferioridade sobre negros, árabes, indígenas e demais populações não-ocidentais. Impõe-se sobre suas subjetividades e seus corpos a figura do perigo, do abjeto e do ruim de modo que a superioridade branca é erigida como o seu oposto e modelo universal a ser seguido a partir de seus princípios civilizatórios e virtuosos. Enquanto processo e produto da sociedade branca e ocidental, o racismo mata essas populações tanto pela maneira direta do assassinato e abuso, criando e autorizando violências permanentes sobre seus corpos e sobre as regiões onde vivem, quanto pela rejeição de suas próprias subjetividades nos campos político, ético e epistêmico.

A guerra na Ucrânia e seus desdobramentos no mundo contemporâneo necessitam ser observados a partir de um olhar que questione e denuncie a colonialidade das práticas ocidentais as quais organizam, pelo racismo, quem pode viver e quem pode morrer, quem é civilizado e quem é o selvagem a ser explorado, embarreirado e eliminado. Através da sociogênese, reconhecer as estruturas racistas e coloniais da sociedade ocidental, da branquitude, faz-se fundamental para se “agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais” (FANON, 2008, p. 95).

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (2008, p. 95) objetivava, pela sociogênese, fazer com que o negro e o colonizado conscientizassem seu inconsciente de modo a serem capazes de tomar consciência de uma nova possibilidade de existir que não fosse o dilema “branquear ou desaparecer”. Trata-se de desalienar, no mundo presente, enquanto exercício constante, o branco e o negro da estrutura racista da sociedade ocidental, oriunda do colonialismo, em prol da liberdade, pois “é através de uma tentativa de retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideais em um mundo humano” (FANON, 2008 p. 191).

Referências Bibliográficas

AKINWOTU, Emmanuel; TONDO, Lorenzo. People of colour fleeing Ukraine attacked by Polish nationalists. **The Guardian**, Przemyśl, 2 de março de 2022. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/global-development/2022/mar/02/people-of-color-fleeing-ukraine-attacked-by-polish-nationalists>. Acesso em: 4 mar. 2022.

ANDERSSON, Hillary; LAURENT, Anne. Crianças enfrentam frio, piolhos e sujeira em campo de detenção de imigrantes nos EUA. **BBC NEWS**, Texas, 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57245499>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MANTOVANI, Flávia. Imigrantes negros na Ucrânia dizem ser alvo de racismo e barrados em trens ao tentar fugir. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/pessoas-negras-na-ucrania-dizem-ser-alvo-de-racismo-e-barradas-em-trens-ao-tentar-fugir.shtml>. Acesso em: 1 mar. 2022.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica - biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018a.

MÍDIA ocidental age como supremacista e dissemina preconceito em cobertura da guerra. **Brasil de Fato**, 28 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/28/midia-ocidental-age-como-supremacista-e-dissemina-preconceito-em-cobertura-da-guerra>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MONTESANTI, Beatriz. O que barcos com imigrantes à deriva no Mediterrâneo dizem sobre a política europeia atual. **UOL**, São Paulo, 16 de junho de 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/06/16/o-que-um-barco-com-imigrantes-a-deriva-no-mediterraneo-diz-sobre-a-politica-europeia-atual.htm>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MOTORYN, Paulo. Guerras pelo mundo: Síria, Somália e Iêmen também sofreram ataques aéreos nos últimos dias. **Brasil de Fato**, São Paulo, 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/25/guerras-pelo-mundo-siria-somalia-e-iemen-tambem-sofreram-ataques-aereos-nos-ultimos-dias>. Acesso em: 28 fev. 2022.

PUTIN põe forças nucleares em alerta máximo; Ucrânia aceita encontrar diplomatas russos. **BBC News**, Brasil, 27 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60547050>. Acesso em: 28 fev. 2022.

RAMOS, Beatriz Drague. O racismo de quem chora pela Ucrânia, mas ignora a dor que está ao seu lado. **Ponte**, 27 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://ponte.org/o-racismo-de-quem-chora-pela-ucrania-mas-ignora-a-dor-que-e-sta-ao-seu-lado/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

RANKIN, Jennifer. Ukraine refugees given right to live in EU for three years. **The Guardian**, Bruxelas, 2 de março de 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/02/ukraine-refugees-right-to-live-in-eu-plan>. Acesso em: 6 mar. 2022.

'SENSELESS war' forces one million to flee Ukraine: UN Refugee chief. **United Nations**, Nova York, 3 de março de 2022. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2022/03/1113192>. Acesso em: 4 mar. 2022.

UKRAINE conflict: Russian forces attack from three sides. **BBC News**, Londres, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-60503037>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Recebido em: 12/2022
Aprovado em: 12/2022